

XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2008.

# **El sentido de un programa de educación no formal para adolescentes de la periferia de São Paulo.**

Siqueira Castanho, Marisa Irene y Nébias, Cleide Marly.

Cita:

Siqueira Castanho, Marisa Irene y Nébias, Cleide Marly (2008). *El sentido de un programa de educación no formal para adolescentes de la periferia de São Paulo. XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-032/481>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# EL SENTIDO DE UN PROGRAMA DE EDUCACIÓN NO FORMAL PARA ADOLESCENTES DE LA PERIFERIA DE SÃO PAULO

Siqueira Castanho, Marisa Irene; Nébias, Cleide Marly  
Universidade São Marcos. Brasil

## RESUMEN

Este trabajo se insiere en las discusiones con respecto a la búsqueda por vías alternativas de educación en contextos sociales marcados por índices de pobreza, desempleo y violencia y tiene como objeto un programa de educación no formal que atiende a cerca de 250 niños y jóvenes desde 7 hasta los 14 años de una comunidad en la ciudad de São Paulo. Las cuestiones se refieren a la aceptación del programa por los niños y jóvenes y a las experiencias vividas en él. El trabajo de campo se dio junto a 16 adolescentes egresos del programa, que participaron de entrevista colectiva con el objetivo de verificar cual el sentido atribuido por ellos a esa experiencia. Los sujetos llenaron, también, un formulario para caracterización de sus perfiles. El referencial teórico de la Psicología Socio-histórica sostuvo el análisis de los contenidos por "núcleos de significación" y a las discusiones sobre los sentidos atribuidos por los jóvenes al programa. Por el análisis es posible afirmar que en el programa fue posible hacer amigos, ser valorado y aprender en un ambiente destacadamente más receptivo que el ambiente escolar, aunque sea prematuro evaluar sus contribuciones efectivas sobre el futuro de esos jóvenes.

## Palabras clave

Proyecto social Educación no formal Adolescente Sentido

## ABSTRACT

THE MEANING OF A NON-FORMAL EDUCATION PROGRAM FOR ADOLESCENTS FROM AN UNPRIVILEGED COMMUNITY IN SÃO PAULO

This essay is inserted within the discussions relating to the search for alternative education paths for children and adolescents coming from a social environment marked by poverty, unemployment and violence. Its purpose regards a non-formal education program that assists 250 children and teenagers from 7 to 14 from a community in the City of São Paulo. The issues examined refer to the acceptance of the program by them and to the experience of being part of it. The field-work involved 16 adolescents from the program who participated in a collective interview to verify what the experience meant to them. The subjects filled up a form so that their profiles could be built up. The theoretical reference of Socio-Historic Psychology has provided support to the analysis of the content grouped by "meaningful nuclei" and to the discussions regarding the senses attributed by the adolescents to the program. By analysis of the data it is possible to affirm that the teenagers valued the program because they could make friends, feel worthy and learn in a definitely more receptive environment than the environment at school. However, how effective the contributions will be to the future of these teenagers it is still premature to discuss.

## Key words

Social project Non formal education Adolescents Sense

## INTRODUÇÃO

A busca por vias alternativas de educação e de elevação de qualidade de vida da população levou a uma explosão de iniciativas encabeçadas por grupos não - governamentais, entidades e instituições interessadas em desenvolver estratégias e ações voltadas para as áreas da saúde, da educação e da cultura. Via de regra, tais iniciativas se desenvolvem em espaços comunitários, genericamente denominados de educação não formal (Gohn, 2001).

Como professoras e pesquisadoras de uma universidade em São Paulo, acompanhamos algumas rotinas de um Projeto Social que abrigava cerca de 240 crianças e adolescentes na faixa etária de 7 a 14 anos oriundos de um contexto social marcado por expressivos índices de pobreza, desemprego, subemprego e violência.

O que mais nos chamava a atenção era a organização dos espaços, os horários, as rotinas e as normas que, embora semelhantes às das instituições escolares, pareciam ser assumidas democraticamente pelas crianças e adolescentes. Observávamos, freqüentemente, a presença de ex-participantes nas rotinas e outras crianças solicitando a sua entrada no local.

Conhecíamos a valorização do conhecimento e a expectativa da população ao Projeto quanto a uma educação de qualidade complementar à escola e nos perguntávamos: o Projeto atrai as crianças e os adolescentes? Por quê? As experiências vividas no Projeto seriam as mesmas vividas na escola? Quais as diferenças? O que se aprendia nele? Seria o mesmo que na escola?

Assim, a pesquisa teve como objetivo investigar o sentido atribuído ao Projeto por adolescentes que participaram dele.

A perspectiva crítica e dialética deu base para o encaminhamento das discussões. As experiências individuais concretas, perpassadas pelas subjetividades sociais foram consideradas importantes por seu papel no desenvolvimento dos sujeitos que as vivem de modo singular, atribuindo-lhes sentidos subjetivos (Rey, 2004).

Colocaram-se em xeque tanto os processos de educação formal como não-formal, quanto às suas responsabilidades como promotoras de efetivos processos de desenvolvimento e de aprendizagem.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A modalidade foi a de um estudo exploratório que se propôs a dar voz aos adolescentes egresos do Projeto Social em estudo. Ouvir os sujeitos significou ouvir a sua palavra, unidade de análise valorizada por Vygotsky (1998). Captar o sentido que a palavra adquire no contexto da fala é captar um agregado dos fatores psicológicos que surgem na consciência como resultado da palavra. O sentido é a expressão da integração do pensamento, das emoções e das situações vividas por cada sujeito individual, social e historicamente constituído.

Para o levantamento de informações foram utilizados dados de um prontuário e realizadas entrevistas coletivas de acordo com Freitas (2003) com o intuito de estimular os participantes a expressarem suas narrativas, vivências e validade dessa experiência em suas vidas.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para o procedimento de análise de conteúdo, de acordo com Bardin (1977) e organização dos "núcleos de significação" de acordo com Aguiar e Ozella (2006).

Por fim foi aplicado um questionário aos participantes para a obtenção de informações adicionais que possibilitaram construir um perfil do grupo pesquisado e suas famílias.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram sujeitos, dezesseis adolescentes, sendo cinco do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com idades entre 14 e 17 anos. Dez saíram do Projeto em 2002; quatro, em 2003 e dois em 2004 e, nos respectivos anos em que saíram do Projeto, um freqüentava a 5ª série do Ensino Fundamental; três, a 6ª série; oito, a 7ª série; e quatro, a 8ª série. Ou seja, apenas os últimos quatro cumpriram a expectativa de sair do Projeto com quatorze anos e tendo findado a 8ª série.

Dos dezesseis sujeitos, nove declararam estudar, cinco declararam trabalhar, ocupando posições no mercado de trabalho para as quais não se requer qualificação (vendedor em loja, colocador de persianas, entregador de colchões, metalúrgico), com exceção de um percussionista. Três deles já estavam casados e com filho. Dois não informaram.

Quanto aos pais, tinham idades entre 37 e 49 anos, apenas um completara o Ensino Médio, oito estudaram entre a 3ª e a 8ª série do Ensino Fundamental, um sabia ler e escrever sem ter ido à escola e seis não informaram. A maioria vinha da região nordeste (6) e sudeste (6) e um da região sul do país. Três não informaram. As profissões exercidas por eles eram as que não exigem qualificação ou exigem uma qualificação que pode ser obtida em serviço (ajudantes, balconistas, comerciantes, metalúrgicos, seguranças).

As idades das mães variavam de 33 a 51 anos. Apenas uma completara o Ensino Médio. As demais freqüentaram a escola entre a 4ª e a 8ª série do Ensino Fundamental. Eram provenientes da região sudeste (7) e nordeste (7), uma da região sul e três não informaram. As profissões exercidas eram igualmente as de baixa qualificação (ajudantes, empregadas domésticas, vendedoras, ambulantes, encarregadas de produção, operadoras de *telemarketing*).

Tais características configuram o perfil de famílias das >

A despeito desses anseios, os dados obtidos em relação às perspectivas de estudo e trabalho dos adolescentes participantes parecem confirmar profecias de baixas possibilidades de inclusão social. Chama a atenção os depoimentos sobre a maternidade e a paternidade de três dos jovens e a necessidade de assumir trabalho para os quais não se exige qualificação para o sustento da nova família.

Das falas dos jovens, levantaram-se indicadores que, por complementaridade, oposição ou integração, possibilitaram chegar aos seguintes núcleos de significação:

#### **Ingresso no Projeto e primeiras impressões**

O ingresso dos adolescentes no Projeto não foi uma escolha deles, mas uma decisão dos pais como possibilidade de maior segurança aos seus filhos. A indicação se deu por meio de pessoas amigas, aparentadas, tias, madrinhas e, em um caso, uma empregada da casa que conheciam o trabalho lá realizado. Todos relataram a resistência inicial que tiveram.

#### **Permanência x resistência**

Após algum tempo, houve diferenças na apreciação do Projeto. Para alguns, a ida ao Projeto passou a ser fundamental, e se recordam de eles mesmos ficarem atentos à época de matrícula. Para outros, o Projeto gerava dúvidas, vontade de abandoná-lo, mas a dificuldade de fazê-lo, pelas amizades, pelo cuidado das educadoras, pela falta que sentiam de lá estar.

#### **Projeto e escola: aproximações e distanciamentos**

A disponibilidade para realizar as atividades e cumprir as normas, muitas vezes semelhantes às das escolas, eram percebidas e valorizadas pela forma como estas eram trabalhadas no Projeto, que incluía a postura dos educadores frente às crianças e adolescentes e as relações positivas estabelecidas por eles. Na escola, a falta de respeito, a desconsideração era sentida e no Projeto a valorização, o incentivo para o aprender.

#### **Amizades**

Os adolescentes atribuíram uma grande qualidade ao Projeto - possibilitar novas amizades ou o estreitamento das antigas relações. O próprio reencontro com amigos, colegas ou companheiros que não se viam há algum tempo foi propiciador de manifestações e apreciações de afeto e amizade.

#### **O que aprenderam**

Para os adolescentes, o Projeto os ensinou a ser educados, saberem se comportar, assumirem e respeitarem compromissos e a se comunicarem. Considerando que estes adolescentes são todo o tempo "seduzidos a ações de desvio de conduta", pensar que muitos adquiriram força para assumirem posições adequadas e cidadãs, de convívio saudável, colocá-os em um lugar diferenciado e meritoso. No entanto, mesmo apontando todo o aprendizado obtido no convívio, reconheceram a defasagem de conhecimento para o enfrentamento da vida e do mercado de

trabalho, defasagem que os coloca no mundo "quebrando a cara e aprendendo" (sic).

#### **Projeto - um olhar retrospectivo**

Muitas vezes, é o distanciamento das situações que permite uma apreciação mais objetiva sobre ela. No caso, os adolescentes manifestaram o valor agora mais reconhecido do que no tempo em que lá estavam. Reconheceram que a vida mudou, se tornou mais dura. Mas afirmaram encontrar nas antigas aprendizagens a força para lutar e não sucumbir aos obstáculos ou armadilhas que poderiam torná-los facilmente "desviantes".

#### **Como fechamento: a indignação contra rótulos e assistencialismo**

Apesar do reconhecimento das contribuições para mudanças significativas em suas atitudes e conhecimentos, recusaram-se a aceitar a atitude assistencialista que costuma transparecer daqueles que sustentam um programa social. Recusaram o rótulo de "Projeto como salvador de vidas vulneráveis à marginalização, à violência e à pobreza" (sic), e se afirmaram como sujeitos batalhadores e com necessidade de fazer escolhas na luta pela sobrevivência.

Nas falas dos participantes é inegável o valor que atribuíram às aprendizagens e aos conhecimentos adquiridos, segundo eles, por meio de práticas pedagógicas alternativas e melhor adaptadas à sua realidade, pela valorização do convívio social, da liberdade de expressão, do desenvolvimento das potencialidades para as aprendizagens em geral.

O quanto tal desenvolvimento levará efetivamente à capacitação para o trabalho, é difícil afirmar ou prever. O desabafo de um dos jovens deixa claro que todo o esforço assumido diretamente pela então coordenadora do Projeto não foi suficiente para capacitá-los para aprovação em processo seletivo para um estágio profissionalizante. "As dificuldades? De ler e de escrever" (sic).

#### **CONCLUSÃO**

Dar voz aos adolescentes possibilitou apreender o sentido positivo atribuído por eles à participação em um projeto social. Ao mesmo tempo, as suas falas evidenciaram as limitações deste e de outros projetos dessa natureza, que devem ser consideradas, principalmente, por seus idealizadores. Os objetivos propostos nesses projetos devem levar em conta os determinantes e a complexidade presentes nas comunidades em que vivem jovens com esse perfil para que as expectativas sobre os seus resultados não sejam supervalorizadas.

Por fim, fica a denúncia dos adolescentes sobre a concepção que a escola tem deles e do tratamento que recebem. Os professores também devem ser ouvidos, mas, sem dúvida, devem ouvir o que os seus alunos têm a dizer. Projetos de educação não-formal podem se constituir como possibilidade positiva, mas não têm o papel e não devem substituir a escola - direito de todos, que tem o dever não só de atender a demanda, mas elevar qualitativamente os seus jovens para o enfrentamento e a superação das suas condições sociais e econômicas.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- AGUIAR, W. & OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. *Psicologia e Profissão: Ciência e Profissão*. Brasília: CFP; 2006. Ano 26, nº 2, p.222-245.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 1977.
- BOURDIEU, P. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (Orgs.) *Escritos de Educação*. 2ª. Edição. Petrópolis: Vozes; 1999, p. 39-64.
- FREITAS, Maria Teresa et al. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In *Ciências Humanas e Pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2003, pp. 57-77.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo*. São Paulo: Cortez, 2001.
- REY, Fernando González. *Sujeito e subjetividade. Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- VYGOTSKY, Lev S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.